

CONCLUSÃO

O objectivo principal no desenvolvimento deste trabalho consistiu em analisar e verificar a viabilidade da construção em espaços urbanos excepcionais, os interiores de quarteirão.

Numa primeira fase da investigação teórica, ao partir para uma análise da morfologia de cidades específicas, conclui-se que a forma como os espaços urbanos são planeados ou não, reflecte diferentes abordagens ao quarteirão.

O quarteirão de Lisboa é alvo de uma análise profunda, com o intuito de fazer a ponte entre o estudo teórico e a proposta prática. O estudo sobre a morfologia da cidade revela-nos que Lisboa é uma obra constituída por vários tecidos urbanos. Tecidos esses que se revelam através de quarteirões de formatos diferentes entre si, uns desenhados de raiz, de geometrias rigorosas, outros resultado da evolução lenta da cidade, que sem plano prévio resultam em geometrias ímpares e irregulares.

Estes pedaços de cidade, diferentes entre si, proporcionam diferentes formas de os ler e de os viver, e é essencialmente no interior dos mesmos que o constactamos.

É no interior que se reconhece a verdadeira identidade do quarteirão. Em Lisboa, são atribuídas várias utilizações a estes espaços. Actualmente verifica-se que a maioria destes interiores caiu no esquecimento e estão por isso fortemente ocupados por vegetação selvagem e edifícios obsoletos. Reconhecemos no entanto, ao longo da história da cidade, essencialmente durante o século XIX/XX, uma forte ocupação devido à revolução industrial, e é nessa altura que surge a habitação operária, também ela alvo de estudo neste trabalho.

As vilas operárias abordadas revelam um outro modo de habitar a cidade, muito pela implantação, pouco comum para edifícios de habitação colectiva. Reconhecemos-lhes uma identidade de bairro/comunidade, algo que se pretendia transmitir para a proposta prática. Os casos de estudo surgem como exemplos significativos de habitação no interior de quarteirão, revelando aspectos muito positivos presentes nesta estreita relação entre habitação, natureza e restante edificado. Através da investigação, chegamos à conclusão que apesar de se inserirem em quarteirões com contextos bastante diferentes, todos partilham pequenas intenções que são assumidamente resultado da sua implantação peculiar.

Todos os exemplos estudados foram um contributo para o desenvolvimento da proposta, mas a forma de integrar não uma habitação, mas um colectivo de habitações no interior de quarteirão com cerca de 11.000 m², requer extrema atenção, sobretudo para não se tornar numa imposição à envolvente. Ao contrário dos casos de estudo, que com pequenos apontamentos/intenções arquitectónicas, lidam com as traseiras dos edifícios e os espaços verdes adjacentes, nesta proposta procura-se essa mesma relação, mas numa outra escala. A forma encontrada para lidar com ambas "condicionantes", limites traseiros dos edifícios e natureza, consiste na criação de uma estrutura semelhante a uma caixa, que será um suporte de vegetação, tornando aquele espaço, num espaço que preconiza um universo de tranquilidade e bem-estar para os seus habitantes, os idosos. Para além de intensificar essa vivência com a natureza, proporciona um ambiente menos agreste no Verão e mais "recolhido" durante o Inverno.

A ideia da grande caixa que reúne e ao mesmo tempo cria uma barreira com o outro universo urbano, um pouco à semelhança da estufa fria de Lisboa, transmite muito do que tem sido abordado neste trabalho.

Este ambiente é também inspirado no estudo dos vários quarteirões visitados, que reflecte uma cidade dentro de outra cidade. Esta à margem da agitação urbana mas totalmente inserida nela.

Mais do que criar um ambiente místico revelador da outra face da cidade, havia a necessidade de responder a um programa ambicioso. O facto das residências se destinarem a idosos fez com que a ideia de comunidade tivesse ainda mais relevância. Combater o isolamento e promover as relações intergeracionais através da criação não apenas de uma comunidade idosa, mas de um grande e novo espaço verde para a cidade, é uma mais-valia, sobretudo para aquela zona, que carece de um espaço de estar de qualidade, que contraste com a aridez do largo do Rato e com a sua agitação caótica.

Os acessos a este espaço foram igualmente pensados para receber, são três, sendo que um deles conserva a sua forma original, o arco. Acedido pelo largo do Rato, este acesso é exemplo de muitas das acessibilidades a interiores de quarteirão visitados. É um acesso estreito, decorado na fachada para reclamar alguma visibilidade. Desperta a curiosidade e revela uma ligação à história do local.

Espera-se que este trabalho contribua para "reclamar", acima de tudo, os miolos de quarteirão ao abandono, que permanecem à margem da cidade, dos que a habitam e essencialmente do pensamento arquitectónico.